

Thomas Mann

As cabeças trocadas

Uma lenda indiana

Tradução
Herbert Caro

Posfácio
Claudia Dornbusch



Copyright © 1940 by Bermann — Fischer Verlag, Estocolmo
Copyright © Renewed 1968 by Katia Mann.
Com a permissão de S. Fischer Verlag GmbH,
Frankfurt am Main

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor
no Brasil em 2009.*

Título original

Die vertauschten Köpfe

O texto desta edição foi estabelecido a partir da edição
publicada pela Fischer Taschenbuch Verlag, 2010.

Capa e projeto gráfico

RAUL LOUREIRO

Imagen de capa

KONTRAST-FOTODESIGN/ISTOCK

Crédito da foto do autor

ULLSTEIN BILD VIA GETTY IMAGES

Preparação

ANA CECILIA AGUA DE MELO

Revisão

ANGELA DAS NEVES

FERNANDO NUNO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mann, Thomas, 1875-1955.

As cabeças trocadas : uma lenda indiana / Thomas

Mann; tradução Herbert Caro ; posfácio Claudia Dornbusch.—

1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Título original: Die vertauschten Köpfe.

ISBN 978-85-359-2861-7

i. Ficção alemã i. Dornbusch, Claudia. ii. Título.

16-00140

CDD-833

Índice para catálogo sistemático:

i. Ficção : Literatura alemã 833

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

SUMÁRIO

As cabeças trocadas 9

Posfácio —

Cabeças trocadas, mas sempre as mesmas
Claudia Dornbusch 95

Cronologia 113

Sugestões de leitura 117

I.

A história de Sita, a das belas cadeiras, filha do criador de gado Sumantra da casta dos guerreiros, e de seus dois maridos — se assim podemos qualificá-los — exige, por sua natureza sangrenta e perturbadora, muito da força espiritual do auditório e de sua capacidade de enfrentar as assustadoras trampolinadas de *Maya*. Desejável seria que todos os que a escutassem tomassem por exemplo a firmeza do narrador, pois quase que se requer maior coragem para relatar tal história do que para ouvi-la. Porém, do princípio ao fim, eis o que ocorreu:

Naquela época em que a memória se originava nas almas dos homens, assim como a taça do sacrifício lentamente se enche de sangue ou de inebriantes poções, quando o colo da austera piedade patriarcal se abria, a fim de receber a semente da era primeva, e a saudade pela Mãe cercava símbolos antigos de renovados tremores, fazendo com que aumentassem as procissões de peregrinos, que acorriam na primavera às moradas da grande Nutriz do Mundo — foi naquele tempo que dois jovens, pouco diferentes quanto à idade e à casta mas bem diversos com relação ao seu físico, travaram entre si íntima amizade. O mais jovem chamava-se Nanda, e o outro, pouco mais velho, Shridaman. Aquele contava dezoito anos, ao passo que este já completara vinte e um. Ambos, cada qual no seu dia, haviam sido cingidos com o cordão sagrado e acolhidos na comunidade dos que nasceram duas vezes. Eram naturais da mesma aldeia dotada de um santuário, a qual tinha o nome de Bem-Estar das Vacas. Por indicação dos deuses, fora instalada no seu lugar na terra de Kosala, em tempos remotos. Circundavam-na uma sebe de cactáceas e um muro de madeira. Nos quatro pontos cardeais deste, havia outros tantos portões. A eles, um sábio itinerante, iniciado

na fala da Deusa e incapaz de proferir palavras erradas, dera a bênção após ter sido alimentado pelos aldeões, pedindo que de seus umbrais e dintéis pingassem manteiga e mel.

A amizade dos dois jovens baseava-se nas diferenças de seus sentimentos relativos ao eu e ao meu. Os de um ansiavam pelos do outro. Pois a encarnação cria a individualização; a individualização causa diversidade; a diversidade provoca a comparação; da comparação nasce a inquietude; a inquietude origina o assombro; do assombro provém a admiração; e esta, finalmente, produz desejo de troca e união. *Etad vai tad*, isto é aquilo. E esse preceito aplica-se sobretudo à mocidade, quando a argila da vida ainda é mole e os sentimentos do eu e do meu ainda não se tornaram rígidos por causa do esfacelamento da unidade.

O jovem Shridaman era comerciante e filho de comerciante. Nanda, por sua vez, era ferreiro e pastor de gado, já que seu pai, Garga, não somente mantinha reses no curral ou no campo, mas também manejava o martelo e atiçava o fogo da forja com o leque de penas. Quanto ao progenitor de Shridaman, de nome Bhavabhuti, descendia pelo lado paterno de uma estirpe de brâmanes versados nos Vedas, o que absolutamente não se dava com Garga e seu filho Nanda. No entanto, não eram sudras, e, posto que tivessem narizes um tanto parecidos com os de cabras, pertenciam plenamente à sociedade humana. Sobrevinha que também para Shridaman e até para Bhavabhuti o bramanismo não passava de uma recordação, uma vez que o avô daquele propositadamente não avançara além do degrau de chefe de família, que se segue ao de discípulo, e nunca tentara galgar o de ermitão e asceta. Desdenhara viver exclusivamente de dádivas piedosas, que fossem oferecidas em tributo a seus conhecimentos dos Vedas e talvez não bastassem para saciar seu apetite. Abrira, portanto, um digno comércio de musselina, cânfora, sândalo, seda e chita. Desse modo, o filho que ele gerara para que lhe cumprisse os deveres funerários tornara-se igualmente *vanidja* ou negociante, na aldeia do Bem-Estar das Vacas, e o filho de Bhavabhuti, Shridaman, também seguiu o exemplo de seu pai, não sem ter consagrado alguns anos de sua infância ao estudo da gramática, da astronomia e dos elementos fundamentais da ontologia, sob a orientação de um guru e mestre espiritual.

Nanda, filho de Garga, não. Seu carma era diferente e nunca, nem por tradição, nem por atavismo, sentira ele a vocação de lidar com coisas do espírito. Em vez disso, sempre se conservara assim como era, um filho do povo, cheio de jovial ingenuidade, com a aparência de

Krishna, de tez e cabeleira escuras. Até mesmo lhe coubera no peito a mecha do “Bezerro da boa sorte”. O trabalho de ferreiro tornara seus braços musculosos, e a faina de pastor igualmente contribuíra para incrementar-lhe o vigor. Pois seu corpo, que ele gostava de ungir com óleo de mostarda e ataviar com colares de flores silvestres ou também com adornos de ouro, mostrava proporções bonitas, da mesma forma que o rosto imberbe, atraente, apesar do já mencionado nariz de cabra e dos lábios um tanto grossos. Mas nenhum desses pequenos defeitos diminuía o aspecto simpático, e seus olhos negros continuavam sempre risonhos.

Tudo isso agradava a Shridaman, sempre que comparava o amigo com sua própria pessoa, que tinha no semblante e nos membros alguns matizes mais claros, além das diferenças de fisionomia. O cavalete de seu nariz era fininho, qual lâmina, e ele tinha olhos que revelavam meiguice nas pupilas e nas pálpebras, enquanto nas faces crescia, em leque, uma barba macia. Também eram macios os membros, absolutamente não enrijecidos pelos ofícios de ferreiro e pastor, e mais se assemelhavam aos de um brâmane ou de um comerciante, com o tronco estreito, levemente balofo, e um pouco de gordura na região da barriguinha. Mas, fora isso, não deixava de ser perfeito, de joelhos e pés delicados. Era um corpo que muito bem podia servir de complemento e acessório a uma cabeça nobre, inteligente, à qual, no conjunto, coubesse ser a parte mais importante, ao passo que, no caso de Nanda, o corpo constituía-se no essencial e a cabeça não passava de um acréscimo agradável. Somando tudo, os dois se pareciam com Siva, na sua dupla manifestação, quando, ora como barbudo asceta, fica prostrado, feito morto, aos pés da Deusa, ora ereto, encara-a de braços estendidos, qual efebo em plena flor da mocidade.

No entanto, eles não formavam uma unidade, ao contrário de Siva, que é a vida e a morte, o mundo e a eternidade no seio da Mãe, senão representavam sobre a Terra dois seres diversos. Por isso, eram um para o outro semelhantes a ídolos. Em ambos, o sentimento do eu e do meu entediava-se de si próprio, e, embora soubessem que, na realidade, tudo é um composto de imperfeições, espiavam um no outro justamente aquilo que os tornava diferentes. Shridaman, de boca fina, rodeada pela barba, achava prazer na natureza de Krishna do beiçudo Nanda, ao passo que este, posto que se sentisse lisonjeado por tal admiração, também — e ainda mais — se impressionava, no confronto com Shridaman, com a tez clara, a cabeça distinta e a fala correta, que, como se sabe, anda de

mãos dadas com a erudição e o conhecimento do ser, formando com eles um todo indissolúvel. Em virtude disso, não existia para Nanda nada mais deleitoso do que a convivência com Shridaman. Assim, os dois haviam chegado a ser amigos inseparáveis. É bem verdade que na inclinação mútua aflorava também uma pontinha de ironia. Pois Nanda troçava em certas ocasiões da pálida adiposidade, do nariz afilado e do linguajar esmerado de Shridaman, e este, por sua vez, zombava no seu íntimo do nariz de cabra e da rusticidade nada antipática do outro. Mas em tal tipo de motejos secretos revelam-se frequentemente a comparação e o desassossego. Ele se constitui num tributo ao sentimento do eu e do meu, sem detimento do desejo *Maya*, que neles tem sua origem.

II.

Aconteceu, no entanto, na linda primavera ressoante do vozerio dos pássaros, que Nanda e Shridaman empreenderam juntos uma viagem a pé pelo país, cada qual por motivos particulares. Nanda recebera do pai a incumbência de adquirir certa quantidade de minério numa comunidade de pessoas de baixa casta, que vestiam tangas de juncos, mas dominavam a técnica de extrair o metal dos rochedos. Nanda sabia lidar com essa gente, que morava em covis a uma distância de poucos dias de viagem, a oeste da aldeia natal dos amigos, perto da cidade de Kuruksheta, a qual, por sua vez, fica um pouco mais ao norte da populosa Indraprashta, às margens do rio Djamna, onde Shridaman teria seus afazeres. Lá vivia um brâmane com o qual negociava a firma de seu pai. Também este se conservara no degrau de pai de família. Caberia então ao moço oferecer-lhe um lote de panos multicores, que as mulheres de sua aldeia haviam tecido de fios finos, e obter em troca, do modo mais vantajoso possível, pilões de triturar arroz e certa espécie de gravetos sumamente práticos, que se tornaram escassos em Bem-Estar das Vacas.

Já tinham caminhado um dia e meio, ora por estradas de grande movimento, ora sozinhos através de bosques e campos ermos, cada um a carregar nas costas o seu farnel. Nanda levava consigo uma caixa cheia de nozes de bêtele, conchas de cauris e folhas de ráfia untadas de ruge *alta*, para tingir as plantas dos pés. Com isso tencionava pagar o minério àquela gente de baixa casta. Shridaman portava os tecidos embrulhados numa pele de veado. Mas de vez em quando, por amizade, Nanda punha nas costas, além de sua própria carga, também a do companheiro. Assim, chegaram a um sítio de banhos rituais pertencente a

Kali, Mãe de todos os mundos e seres, a que abarca o Universo e inebria os sonhos de Vishnu. Esse lugar encontra-se à beira do arroio Mosca Dourada, que, alegre qual potranca solta, brota do seio das montanhas, mas depois modera seu curso e, num ponto santificado, conflui com o rio Djamna, o qual, por sua vez, numa localidade ainda mais sagrada, une-se com o sempiterno Ganges. Mas este deságua por muitos braços no mar. Muitos lugares de banho sobremodo famosos purificam quaisquer máculas, e neles se pode colher o renascimento, haurindo a água da vida e mergulhando no seio da corrente. Numerosos lugares desse gênero debruam as margens e desembocaduras do Ganges e as regiões nas quais outros rios lançam suas águas na Via Láctea terrestre. Mas há ainda outros, lá onde arroios se juntam com estes, assim como faz Mosca Dourada, filhinho do Lar das Neves, ao confundir-se com o Djamna. Ali se encontram em toda parte tais sítios de abluição e junção, que facilitam a todos o sacrifício tanto como a comunhão, estando providos de entradas com santificados degraus, para que os fiéis não precisem chapinhar pelas águas, lançando-se nelas, sem cerimônia nem dignidade, após terem atravessado o lótus e o juncos da orla, mas possam descer solenemente para lavarem-se e beberem.

Ora, o lugar de banhos que os amigos encontraram não era daqueles mais importantes, ricos em oferendas, a cujo respeito os iniciados proclamam efeitos milagrosos e aonde afluem multidões de pessoas nobres ou humildes, naturalmente em horas diferentes. Era modesto, quieto, nada vistoso, e ficava situado, não numa confluência, senão apenas na margem do Mosca Dourada, cuja encosta subia a alguns passos do leito do curso d'água, formando uma colina. No topo dela erguia-se um pequeno templo feito de madeira, desprestensioso e já meio caindo aos pedaços, embora adornado, em abundância, de imagens entalhadas. Era dedicado à Senhora de todos os desejos e prazeres e tinha, acima da nave, uma torre com excrescências gibosas. Os degraus de madeira que conduziam ao rio estavam igualmente danificados, mas ainda serviam para uma descida digna.

Os jovens mostravam-se alegres por terem chegado a esse sítio que lhes oferecia o múltiplo ensejo para a devoção, o descanso e a restauração de suas forças. Já fazia muito calor ao meio-dia. Em plena primavera, prematuramente, o verão ameaçava tornar-se pesado. Mas ao lado do pequeno templo, no barranco, estendiam-se não somente um mata-gal mas também um bosque de mangueiras, tecas, magnólias, tamarindos, palmeiras de *tala* e *cadambas*, a cuja sombra poderiam almoçar

e repousar perfeitamente. Primeiro, os amigos desincumbiram-se de seus deveres religiosos tão bem como permitiam as circunstâncias. Não havia lá nenhum sacerdote que lhes pudesse fornecer azeite ou manteiga derretida para que os derramassem sobre as esculturas de *lingam*, colocadas no minúsculo terraço, à frente do santuário. Porém, usando uma concha que estava à mão, tiraram água do rio e, murmurando as rezas prescritas, executaram a boa ação. Em seguida, de mãos postas, desceram ao verde leito do arroio; beberam e aspergiram-se segundo o ritual. Feito isso, mergulharam e deram graças. Por mero prazer, demoraram-se no banho mais tempo do que exigiam as obrigações religiosas, e depois, sentindo no corpo inteiro a bênção da comunhão, encaminharam-se ao ponto debaixo das árvores que haviam escolhido para o descanso.

Lá, partilharam fraternalmente as provisões de viagem. Dividiram-nas entre si, embora cada qual pudesse ter comida apenas o seu e nenhum deles dispusesse de algo diferente. Após ter partido um bolo de cevada, Nanda oferecia a Shridaman a metade, dizendo:

— Toma, meu caro!

E Shridaman, ao cortar uma fruta, dava a metade a Nanda com as mesmas palavras. Enquanto comia, Shridaman estava sentado de lado na grama fresca, ainda verde, não crestada pelo sol, de pés e joelhos juntos. Nanda, por sua vez, ficava acocorado à maneira do povo, de joelhos flexionados, os pés voltados para a frente, numa posição que somente aguenta quem esteja desde há muito habituado a ela. Assumiam tais atitudes inconscientemente, sem nenhum propósito, pois se tivessem prestado atenção ao modo de sentar, Shridaman, por pendor pelo primitivo, levantaria os joelhos, e Nanda, por inclinação oposta, adotaria a posição mais distinta. Ele usava um pequeno gorro sobre a cabeleira negra, lisa e ainda úmida. Um pano de algodão branco envolvia-lhe o baixo-ventre. Argolas cingiam os braços, e do pescoço descia um colar de pedras presas com fitas douradas, que, qual moldura, salientava no peito a mecha do “Bezero da boa sorte”. Shridaman tinha a cabeça enrolada numa faixa branca e vestia uma túnica de mangas curtas, igualmente alva, e que caía sobre o bojudo avental drapeado à maneira de uma calça. No decote, via-se, suspenso numa fina corrente, um saquinho, que continha um amuleto. Ambos os amigos traziam na testa o sinal branco de sua fé, aplicado com tinta mineral.

Após a refeição, botaram fora os restos de comida e conversaram. O sítio era tão prazeroso que nem príncipes nem grandes reis poderiam

arranjar outro melhor. Por entre as árvores, nas quais a folhagem e os cachos de flores tremiam suavemente, acima dos altos ácoros e bambus da encosta, avistavam-se a água e os degraus inferiores da escada que a ela conduzia. Da ramaria pendiam verdes guirlandas de sumarentas trepadeiras, entreligando graciosamente os galhos. Com os trinados e os chilros de pássaros invisíveis mesclava-se o zumbido das abelhas de ouro, que flechavam por cima da relva em busca de flores às quais faziam urgentes visitas. No ar, notava-se o olor fresco e todavia cálido da vegetação. Fortemente se impunham o perfume do jasmim, o aroma característico das frutas da *tala*, o cheiro do sândalo e também do óleo de mostarda, com o qual Nanda, logo depois do banho ritual de imersão, voltara a ungir-se.

— Aqui parecemos estar mais além das seis ondas da fome e da sede, da velhice e da morte, das mágoas e das ilusões — disse Shridaman. — Em toda parte reina uma paz descomunal. É como se houvessemos sido apartados do incessante turbilhão da vida e transportados para o centro em repouso, a fim de podermos respirar. Escuta só: que quietude acolhedora! Digo “acolhedora”, porque ela deriva do ato de acolher sons, e este provém do silêncio. Pois nos faz prestar atenção a tudo quanto não for totalmente quieto a nosso redor, e através disso fala como num sonho. Mas também nós ouvimos aquilo como que em sonho.

— Realmente é assim como explicas — respondeu Nanda. — No burburinho de um mercado não escutamos, mas quietude acolhedora só reina onde haja aquele silêncio no qual exista algo que possa ser escutado. Inteiramente desprovido de sons e saturado de silêncio, é unicamente o Nirvana, e por isso não convém falar a seu respeito de “quietude acolhedora”.

— Não mesmo! — replicou Shridaman, rindo-se sem querer. — Acho que nunca ninguém teve a ideia de qualificar o Nirvana de quieto e acolhedor. Mas a ti ela ocorreu em certo sentido, embora negativamente, pois dizes que não se pode dar-lhe essa qualificação. De todas as negações que podemos atribuir a ele — pois do Nirvana só se pode falar em negações — escolheste a mais engraçada. Frequentemente proferes coisas sutis, desde que seja lícito empregar o adjetivo “sutil” com relação a algo que tanto é certo como ridículo. Gosto muito disso, já que às vezes me faz subitamente vibrar a zona da barriga, quase como num soluço. Assim se percebe quão próximos estão entre si o riso e o pranto e que é um simples equívoco estabelecer uma diferença fundamental entre o prazer e o sofrimento, almejando àquele e rejeitando

a este, visto que, afinal de contas, somente os dois juntos podem ser chamados de bom ou de mau. Há, no entanto, uma combinação de riso e pranto que mais se presta a ser aprovada e qualificada de “boa”, em meio a todas as emoções da vida. Para ela criou-se a palavra “enterne-cimento”, que designa uma serena compaixão, e dela provém justamen-te a semelhança entre a vibração de minha barriga e o soluço. E por isso, tu, com tua sutileza, me causas pena.

— Mas por que te causo pena? — perguntou Nanda.

— Porque, no fundo, tu és um autêntico filho de Samsara e estás inteiramente satisfeito com a vida — tornou Shridaman. — Absolu-tamente não tens teu lugar entre as almas que anseiam por emergir do terrível oceano do riso e do pranto, assim como flores de lótus elevam-se acima das águas e abrem seus cálices ao céu. Tu te sentes muito bem nas profundezas, que fervilham de vultos e formas a vegetarem com-plexamente variados. E que te sintas assim à vontade faz com que fique agradável olhar-te. Mas agora, de repente, dá-te na veneta dedicar-te ao Nirvana e manifestar opiniões a respeito de sua determinação nega-tiva, falando de seu desprovimento de quietude acolhedora. Ora, isso é tão engraçado que até provoca lágrimas, ou, para usar a designação criada a propósito, é enternecedor, uma vez que me deixa preocupado com teu tão agradável bem-estar.

— Ora, ora — protestou Nanda —, de que jeito estás me julgando! Eu ainda admitiria que te compadeças de mim porque vivo na obceca-ção de Samsara e não tenho afinidade com a flor de lótus. Mas que te cause compaixão porque trato de preocupar-me um pouquinho com o Nirvana, assim como o entendo, isso já é suscetível de ofender-me. Permite que te diga: tu também me dás pena.

— E por que eu, por minha vez, te causo dó? — indagou Shri-daman.

— Porque, apesar de teres lido os Vedas e aprendido alguma coisa acerca do conhecimento do ser, estás disposto a deixar-te lograr mais facilmente do que pessoas que não os estudaram — replicou Nanda.

— É justamente isso o que provoca na minha barriga uma espécie de enterneциamento, que é, na tua definição, uma serena compaixão. Pois, onde quer que haja um pouquinho de quietude acolhedora, como, por exemplo, neste lugar, logo te deixa iludir pela aparente paz, distancias-te, devaneando, das seis ondas da fome e da sede, e pensas encontrar-te no centro imóvel do redemoinho. E no entanto, em toda essa calma confortável e na circunstância de existir nesse silêncio, muita coisa que

carece ser escutada revela precisamente que nele há um enorme turbilhão e que todas as tuas sensações de paz não passam de ilusões. Estes pássaros trocam arrulhos somente porque querem fazer amor; estas abelhas e libélulas, estes besouros agitam-se, impelidos pela fome; da relva ressoam secretos rumores de milhares de formas de luta pela vida, e estes cipós, que tão graciosamente cingem as árvores, desejam apenas asfixiá-las para tirar-lhes sumo e fôlego, no único intuito de cevar-se e engordar. Eis o verdadeiro conhecimento do ser.

— Não o ignoro — disse Shridaman —, e não me iludo a esse respeito, ou pelo menos só por um momento e de propósito. Pois, além da verdade da razão e de seu conhecimento, existe ainda a simbólica intuição do coração humano, que sabe ler a escrita dos fenômenos não apenas no seu sentido primário, prosaico, mas também segundo seu significado secundário, superior, e a aproveita como recurso para atingir a contemplação do puro e do espiritual. Como queres alcançar a percepção da paz e experimentar a fortuna da imobilidade, sem que, para tanto, uma imagem *Maya* te ofereça os meios, ainda que tal imagem em si não seja de modo algum fortuna e paz? Aos homens foi dado e concedido que possam servir-se da realidade para vislumbrarem a verdade. Para denominar esse fato e essa licença, a língua criou a palavra “poesia”.

— Ah, então é assim que o entedes? — disse Nanda, rindo. — Nesse caso, e de acordo contigo, a poesia seria a tolice que corre atrás da inteligência, e se alguém é tolo, deveríamos perguntar se o é ainda ou de novo. Preciso dizer que vós, os inteligentes, complicais as coisas para pessoas como nós. A gente pensa que deve tornar-se inteligente, mas antes de consegui-lo, descobre que é mister ficar novamente tolo. Não deveríeis mostrar-nos os degraus mais altos, pois assim perdemos o ânimo de galgar os anteriores.

— De mim — disse Shridaman — não ouviste que é necessário ser inteligente. Mas, vamos, deitemo-nos na relva macia depois da refeição e olhemos, através da ramaria das árvores, em direção ao céu. É uma curiosa forma de contemplação fixar os olhos no céu a partir de uma posição que não nos obrigue a levantar a vista, uma vez que os olhos de qualquer modo já estão dirigidos para cima. Dessa maneira, o vemos assim como a própria Mãe Terra o avista.

— *Siyá*, assim seja! — concordou Nanda.

— *Siyát!* — corrigiu-o Shridaman na correta linguagem castiça, e Nanda riu-se dele e de si mesmo.

— *Siyát, siyát!* — repetiu. — Tu és um sutilizador! Deixa-me com meu linguajar! Quando falo sânscrito, tem-se a impressão de ouvir as fungadas de um bezerro ao qual passaram uma corda pelo focinho.

Essa comparação rústica fez com que o próprio Shridaman desse uma estrondosa gargalhada, e ambos se estiraram, segundo a sua sugestão. Ficaram a espiar, por entre os galhos e os ondulantes cachos de flores, o límpido azul de Vishnu. Ao mesmo tempo, abanavam-se com leques de folhas, a fim de defenderem-se das moscas vermelhas e brancas, as chamadas protegidas de Indra, que sua pele atraía. Nanda assumia a posição horizontal, nem tanto porque sentisse o desejo de contemplar o céu à maneira da Mãe Terra, senão simplesmente por condescendência, e em seguida voltou a soerguer-se e retomou aquela sua posição dravídica, com uma flor entre os lábios.

— A protegida de Indra é barbaramente chata — resmungou, tratando o sem-número de moscas que flechavam em torno dele como se fossem um e o mesmo indivíduo. — Certamente ela cobiça meu excelente óleo de mostarda, ou talvez tenha recebido ordens de seu protetor, o Cavaleiro de Elefantes e Senhor do Raio, o grande Deus, para que nos atormente e castigue... Tu já sabes por quê.

— Isso não deveria atingir-te — replicou Shridaman —, pois, sob a árvore, tu deste teu voto para que a festa de ação de graças a Indra, no outono passado, fosse celebrada ao modo antigo, ou digamos melhor, mais novo, conforme as usanças e a observância brâmanes. Podes, portanto, lavar as mãos quanto à decisão contrária que tomamos no Conselho, quando cessamos de servir a Indra e adotamos um ritual novo, ou melhor, mais antigo, para dar graças; um que parece mais adequado a aldeões como nós e mais conveniente à nossa piedade do que o palavrório de sentenças do ceremonial brâmane em homenagem a Indra, o Atroador, que arrasou as fortalezas do povo primevo.

— Pois é, falas a verdade — tornou Nanda —, mas ainda continuo apreensivo no fundo de minha alma. Pois, embora eu tenha votado, sob a árvore, a favor de Indra, receio todavia que ele não dê atenção a minúcias dessa espécie e responsabilize coletivamente a todos em Bem-Estar das Vacas, porque o privaram da sua festa. Eis que subitamente, não sei por que cargas-d'água, o pessoal mete algo na sua cabeça e aferra-se à ideia de que o ritual da ação de graças a Indra já não é o que lhe convém, pelo menos o que convém a nós, que somos pastores e agricultores, mas que nos cabe inventar uma simplificação piedosa do culto. O que temos que ver com o grande Indra? — perguntaram

então. — Os brâmanes conheedores dos Vedas com suas infindáveis ladainhas imolam a ele. Mas nós queremos oferecer sacrifícios às vacas e às montanhas e aos pastos florestais, pois são essas as nossas divindades autênticas e naturais. Isso nos parece ser o que já temos feito antes do advento de Indra, que antecedeu Àquele que virá e arrasou as fortalezas dos indígenas primevos, e embora já não saibamos bem como cumpre agir, isso sem dúvida nos ocorrerá oportunamente e nossos corações no-lo indicarão. Desejamos prestar homenagens às pastagens do “Pico Multicor”, que fica perto de nós, e o faremos com reverentes ritos, que são novos no sentido de que os devemos ressuscitar no âmago das reminiscências de nossas almas. A ele imolaremos animais puros e o brindaremos com oferendas de leite coalhado, flores, frutas e arroz cru. Depois, o rebanho das vacas adornadas de grinaldas de flores outonais terá de desfilar ao redor da montanha, voltando para ela o flanco direito, e os touros rugirão em direção a ela com as vozes tonitruantes de nuvens prenhes de chuva. Eis o que será nossa nova-antiga veneração à montanha. Porém, para evitarmos que os brâmanes se oponham a ela, vamos banquetejar centenas deles e ajuntar o leite de todos os apriscos, a fim de que eles se possam fartar de coalhada e arroz-doce, até ficarem satisfeitos. Assim falaram certas pessoas sob a árvore, e alguns consentiram com isso, ao passo que outros discordaram. Eu, desde o começo, me opus à adoração à montanha, uma vez que tenho grande medo e alto respeito a Indra, que arrasou as fortalezas dos pretos. Não atribuo muito valor à reinstituição de coisas das quais ninguém mais se recorda bem. Mas tu proferiste então palavras puras e acertadas (acertadas no que se refere à correção da linguagem), defendendo o novo ceremonial das festas e a modernização do culto da montanha, sem consultarmos os interesses de Indra, e por isso permaneci calado. Pensei: se aqueles que estudaram na escola e aprenderam algo com relação à sabedoria do ser manifestam-se contra Indra e a favor da simplificação, nós nada temos a dizer e apenas podemos esperar que o sublime Vindouro, o Arrasador de Fortalezas, mostre compreensão e se contente com a alimentação oferecida a bom número de brâmanes, de modo que deixe de afligir-nos com secas ou desmedidas chuvas. Pode ser, assim ruminei eu, que ele mesmo esteja cansado da sua festa e prefira que, para seu próprio divertimento, se instituam o sacrifício à montanha e o desfile das vacas. Nós, os simplórios, tínhamos reverência a ele, mas talvez tenha Indra recentemente cessado de respeitar-se a si mesmo. Afinal gostei bastante da festa restaurada e ajudei com prazer a conduzir ao

redor da montanha as vacas engrinaldadas. Mas, justamente há poucos instantes, quando corrigiste meu prácrito e me fizeste dizer *siyât*, ocorreu-me quão estranho é que te sirvas de um linguajar castiço, correto, a fim de promover a simplificação.

— Não tens motivo algum para censurar-me — respondeu Shridaman —, pois, ao modo do povo, falaste em abono do ritual e das sentenças dos brâmanes. Isso certamente te causou satisfação e te deixou feliz. Mas posso afiançar-te que dá um prazer muito maior ainda pronunciar palavras corretas, cultas, para advogar os direitos da simplicidade.